



Cleodon Silva

Cleodon Silva

Maria Rosângela Batistoni

Professora da Faculdade de Serviço Social da UFJF/MG

A história do movimento operário e sindical brasileiro a partir da ditadura militar e no contexto da reinserção da classe operária na cena política no final da década de 1970 assumiu múltiplas, faces com o protagonismo de forças sociais e políticas diversas. Neste universo se encontram as oposições sindicais, que teve na Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo/ OSM (1967 até início década de 1990), a mais emblemática referência pelo projeto político-sindical que sustentou.

A OSM agregou aguerridos militantes socialistas na luta cotidiana e incansável contra a estrutura sindical, o peleguismo, a ditadura do grande capital pela organização independente dos trabalhadores. Uma militância que resgatava a experiência revolucionária do movimento operário internacional, desde a Comuna, os Soviets, os comitês de Turim, a Central Operária Boliviana, além das experiências e tentativas anteriores de organização dos trabalhadores brasileiros. A historiografia ainda pouco reconhece esta militância derrotada.

Cleodon Silva ou simplesmente Silva, foi um dirigente histórico da Oposição Metalúrgica desde 1971, quando de sua migração forçada para São Paulo imposta pelo cerco repressivo da ditadura militar. Pernambucano, nascido em Garanhuns em 1949, iniciou sua militância aos 14 anos no imediato pós-golpe de 1964 no meio estudantil secundarista da cidade. Aí já se aproximou de organizações de esquerda, a POLOP e depois já em Recife, integrou os quadros do PCBR atuando na área operária. Orientado pela autocrítica da luta armada, chegou à capital com a referência direta para atuar na OSM, retornando à militância clandestina na POLOP.

Para o Silva, nenhuma atividade era uma simples tarefa: tudo era uma causa, uma paixão; se colocava, apaixonadamente, nos diversos planos da vida e a todos atribuía um determinado sentido político, com integridade e coragem a toda prova. “Amava a política em todas as suas possibilidades libertárias”, apontou com sensibilidade Hamilton Faria, em homenagem.

Cleodon junto com outros companheiros levou para a OSM a defesa intransigente da organização autônoma, política e ideológica, da classe operária. A concretização desta autonomia passava pela construção de comitês e comissões de fábrica e deveria completar-se num partido revolucionário baseado na classe central da revolução, os trabalhadores. Toda a atividade do Silva se deu no sentido de criar estes diferentes níveis de organização.

Com os militantes da Oposição Sindical viveu o exílio nas fábricas sob as duras condições impostas pelo despotismo da ditadura do capital sobre o trabalho: arrocho salarial, intensidade extenuante do trabalho, opressão e controle. Na prática de resistência clandestina, tornou-se inspetor de qualidade, trabalhou em algumas empresas metalúrgicas com o objetivo claro da organização cotidiana dos grupos e comissões de fábrica. Nas greves do operariado metalúrgico foi um comandante com estratégias precisas e sagazes, na organização dos comandos, das assembléias, dos piquetões, na articulação das redes de apoio. Uma liderança teórico-prática, como avaliam os companheiros da OSM.

Criativo, inteligente e alegre levou também poesia para a luta, com os cordéis de Pedro Macambira, pseudônimo que adotou (Macambira – bromélia resistente do sertão nordestino que fornece água pura e cristalina na aridez das secas). São 12 os cordéis de Macambira presente nas fábricas, na “rádio peão”, nos bairros, denunciando o chefe cruel e dedo-duro, os crimes do regime militar, o sindicalista sem princípios que amaciava o arrocho dos patrões, na formação de uma consciência operária rebelde e militante. Com sua obstinada atividade de armar os trabalhadores para a luta de morte, como diria, Cleodon inventou instrumentos e incorporou outros, fabricou e ensinou a fabricar o reco-reco (mimeografo artesanal), e nos últimos anos trabalhava com novas tecnologias de informações e geoprocessamento com jovens no Instituto Lida e da Casa dos Meninos na zona sul da cidade e também na coordenação do Projeto Memória da OSM.

Nesta e em outras homenagens prestadas a Cleodon Silva, o destaque às virtudes não desconhece ambigüidades, conflitos e limitações em sua trajetória, mas se trata de reafirmarmos neste momento os valores e práticas da militância de vanguarda que se põe na luta por um socialismo proletário, honrando não só a sua memória.

Partilhei com Silva esta trajetória na militância, na relação amorosa e com nossas meninas Maíra e Inaê. As saudades são hoje saudades de futuro.